

GALILEU GALILEI

VASCO SOARES DE OLIVEIRA E CUNHA ¹

¹ Professor Aposentado da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu;
Vice-Presidente do Instituto Politécnico de Viseu de 1995 a 2002;
Fundador e Diretor da Revista *Millenium* entre 1996 e 2002 – Portugal. (e-mail:lcunha@pres.ipv.pt)

Diálogo dos Grandes Sistemas

Falamos, a partir de hoje, das circunstâncias em que este diálogo foi produzido. Também sobre o processo e a condenação de Galileu, na altura um homem idoso com 68 anos. Vivia-se mais rapidamente nesses já longínquos dias.

Filósofo, dedicou-se também, com paixão, à astronomia. Foi este o seu maior “pecado”.

O *De Revolutionibus Orbium Coelestium*, de Copérnico, era dirigido a matemáticos. Escrito em latim, foi divulgado antes do Concílio de Trento. Influenciou poucos intelectuais, insatisfeitos com a teoria aristotélica. Giordano Bruno encontrava-se entre eles. Galileu e Kepler também se interessaram. Foi, como viria a constatar-se mais tarde, o maior erro das suas vidas. Os leitores de *Millenium* conhecem já a tragédia de Bruno, queimado em Roma na fogueira inquisitorial. Em 1600.

Kepler, como astrónomo e matemático, nunca atraiu as atenções gerais. Galileu, articulando a propaganda com a diplomacia, conseguiu impor-se à intelectualidade seiscentista, trazendo as questões científicas para o campo da luta cultural e ideológica.

Os planetários poderiam ser representados pelos quatro sólidos regulares – o tetraedro, o cubo, o octaedro e o dodecaedro.

Por ensinar o sistema copernicano foi condenado pela Faculdade Teológica, protestante, de Tübingen. Em 1596, sendo as razões aduzidas exatamente iguais às que tinham sido avançadas pelos católicos na condenação de Giordano Bruno.

Expulso de Styria, foi amistosamente recebido em Praga, uma cidade que ficou admirada pelo seu trabalho científico. Pela sua obra astronómica.

Em 1600, Tycho Brahe (1546-1601), astrónomo e matemático na Corte do Imperador Rudolfo II, de Praga, ofereceu-lhe o lugar de assistente. Não estiveram de acordo quanto ao sistema de Copérnico. Brahe evoluiu no sentido de um acordo entre o sistema de Copérnico e o de Ptolomeu. Morreu em 1601.

Encarregou-se então Kepler das duas missões. Ele dedicar-se-ia ao estudo de um sistema de compromisso, que provaria ser o único verdadeiro, e que completaria com a observação dos planetas. Um trabalho que se encontrava ainda muito incompleto.

Em 1594 foi nomeado «Matemático Provincial» de Styria, e no mesmo ano, professor de astronomia em Graz.

Procurou um plano geométrico para o universo e aplicou o sistema copernicano às esferas celestes, embora pensasse ainda que os planetas se moviam nas suas órbitas por agentes ocultos.

No seu *Mysterium Cosmographicum* (1596) razões viu para preferir o sistema copernicano, não o ptolemaico, ultrapassando muitas dificuldades, como Copérnico tinha já encontrado, mudando os planos das órbitas planetárias.

Propôs, também, que os espaços vazios entre as esferas planetárias passassem para a órbita de outro Sol.

Galileu Galilei na obra de Bertold Brecht

Cena número um

No ano de 1609 a luz do saber tornou-se mais clara. Em Padova, numa pequena casa, Galileu Galilei refletiu: “O Sol não se move, a Terra gira à sua volta.”

Numa manhã, Andreia, um rapazinho filho da dona da casa, traz a Galileu um copo de leite e avisa o cientista que já não havia dinheiro para pagar ao leiteiro. “Se não pagarmos, ele faz um círculo à volta da nossa casa.”

Galileu responde-lhe “Tu deves dizer que, se não pagarmos, ele descreve um círculo” – Em alemão: “Er beschreibt einen Kreis um uns.”

Diz, logo após, ao filho da dona da casa: “Olha para este aparelho e para as estrelas. Isto é um astrolábio. E ele mostra-te as estrelas que se movem em volta da Terra, segundo o pensamento de alguns antigos.”

E Galileu prossegue: “Repara de novo no mapa. No centro encontra-se uma pedra pequena. É a Terra. E o garoto, esperto, diz: “Em volta, umas sobre as outras, estão conchas.”

“Quantas?”, pergunta Galileu.

Andreia: “Oito, mestre”.

“São cintas, responde-lhe Galileu. À sua volta encontram-se cintas. São as estrelas. A mais baixa é o Sol. A Terra move-se à sua volta. Os Papas e os Cardeais, os Príncipes e os Ilustres julgavam, desde há milénios, que a humanidade era néscia.”

E Galileu acrescenta: “As cidades são apertadas, tal como as cabeças. A superstição e a peste dominam as suas pobres cabeças. Tudo se movimenta, Andreia. Os marinheiros, quando navegavam junto às costas dos continentes e das ilhas, julgavam também isso. Mas

depressa entenderam que assim não era”. E prossegue “O que faz uma pedra quando a deixamos cair da mão? Ela é atraída para a Terra, não é verdade Andreia?”

Andreia: “É, senhor Galileu.”

E Galileu prossegue: “Em Siena, alguns construtores, seguindo um hábito muito antigo, movimentavam grandes pedras através de um processo primitivo. Mas era muito difícil e nem sempre conseguiam fazê-lo. Agora já não estamos nesse tempo.” “Die Alte Zeit ist herum, und es ist eine neue Zeit”, diz Brecht. Traduz-se: “O tempo antigo já passou e este é um tempo novo.” Em breve, a humanidade inteira saberá que nas suas cidades, e em toda a parte, no firmamento se encontram estrelas e corpos celestes. O que está nos livros antigos já não chega”. Em alemão: “Alles was in den alten Büchern steht, das genügt ihr nicht mehr.”

E Galileu prossegue: “Agora, em vez das certezas que estão plasmadas nos livros, encontram-se apenas dúvidas que emergem à luz dos dias.

As verdades celebradas já não têm lugar nas cabeças dos jovens escolares. Uma lufada de ar fresco é sentida na pele. Também da dos príncipes e dos prelados. Uma risada aberta aparecerá nos rostos dos camponeses. Os filhos dos pescadores irão para as escolas. Seremos todos mais livres. Até os Papas e os Cardeais andam à volta do Sol.”

“Os nossos navios poderão deixar de circular junto às costas dos continentes e dos arquipélagos, que se movimentavam, segundo o parecer dos muito antigos, no difícil xadrez das torres e dos campos abertos.”

Andreia responde: “Oh, früher Morgendes Beginnes! Oh Hauch dêes windes, der von neuen kosten kommt.” Traduz-se: “Oh, sopra da manhã primitiva do começo! Oh, sopra do vento que de novas costas nos chega!”

Galileu: “Ao senhor Giordano Bruno mandaram-no para Roma. Por haver afirmado e alargado a verdade sobre a rotação da Terra. A Santa Inquisição mandou queimá-lo vivo. Em Roma, em 1600.”

“O pensamento é livre e é uma ocupação frutuosa”, diz Galileu. E pergunta: “Was ist eine Hypothese?” – “O que é uma hipótese?”

Galileu responde: “Quando alguém considera verdadeira alguma coisa, essa pergunta tem de estar baseada em factos.”

Andreia responde, dizendo: “Gostava de ser um físico.”

Cena número dois

Galileu chega a Veneza para fazer novas investigações do Universo.

Um dito dele: “Nem tudo é grande o que a humanidade fez.”

Dizem algumas gentes: “Galileu come bem. A verdade descobriu-a no telescópio.”

“Entra em casa um *Doge*. É um homem muito gordo. Aperta a mão a Galileu e este diz: “Certo, são 500 Escudos.”. “Temos em Veneza muita gente à espera dos meus ensinamentos.”

Cena número três

Sagredo diz a Galilei: “Dizes em toda a parte que a Terra é uma estrela, mas que não é o centro do Universo. “Die Erde ein Stern ist und nicht der Mittelpunkt des Universums.” - “Onde está então Deus?”

E Sagredo continua: “Deus! Onde está então Deus?”

Galileu: “Sou eu um teólogo? Eu sou um matemático.”

Sagredo: “Antes de tudo, tu és uma pessoa. E eu pergunto-te: Onde está Deus no teu sistema do mundo?” (Wo ist Gott in deinem Weltsystem?).

Galileu: “In uns oder nirgends” – (Em nós ou em nenhures) “Como afirmou o que foi queimado”, continuou Galileu: “Por isso, foi ele queimado.”

Sagredo: “Ainda não passaram muitos anos. Considerei-te sempre, Galileu, como um homem astuto. Dezassete anos em Pádua e três em Pisa, ensinaste pacientemente o sistema ptolemaico, que a Igreja considerava, segundo o que estava escrito nos livros.” E logo a seguir: “Dizias que Copérnico estava errado, mas ensinaste o seu sistema.”

Galileu: “Porque então ainda não podia prová-lo.”

Sagredo: “E pensas que isso faz toda a diferença?”

Galileu: “Toda a diferença! Olha aqui, Sagredo! Eu acredito nas pessoas. Sem este pensamento, na Terra não teria forças para amanhã me levantar da cama!”

Sagredo: “Não acreditas nas pessoas. Elas têm medo. Muito medo.”

Galileu: “Se a morte se não deixar enganar.”

Cena número oito

Uma conversa

“Galileu leu a sentença. Um jovem monge veio visitá-lo. Era filho de um pobre camponês. Gostava do saber e de com ele se encontrar. Queria saber, queria saber.”

Traduzo: “Galilei las den sprech, ein jungen Mönch kam zu Besuch. War eines armen Bauern Kind, wollte wissen. Wissen find't, wollte es wissen, wollte es wissen.”

Galileu ouve um monge, baixo de estatura, mas interessado pela astronomia.

Diz o monge: “Senhor Galileu, há já três noites que não consigo dormir. Li o decreto da sua condenação e vim visitá-lo. Compreendo o seu azedume” – “Ich verstehe Ihre Bitterkeit.” - “O senhor pensa no poder ilimitado da Igreja.”

Galileu: “Diga tranquilamente – Tortura.”

Cena número nove

Depois de um silêncio de oito anos, e da escolha de um novo Papa, investigador como ele, deram-lhe a esperança de poder voltar à investigação científica.

Diz Galileu: “A verdade no saco, a língua na boca. Silenciou oito anos, tempo para ele demasiado longo. Verdade! Continua o teu caminho!”

“Die Wahrheit ine Sacke
Die Zung in der Backe
Schwirg er acht jahre, dann war es zulang.
Wahrheit geh deinen Gang!”

Casa de Galileu em Florença. Os alunos de Galileu

Federzoni, um amigo baixote, e Andreia Sarti, agora já homem feito, ainda que jovem, reunidos numa conversa.

Galileu lê nos livros. Virgínia e Sarti, a primeira com as roupas de noiva (Virgínia é filha de Galileu).

Diz a senhora Sarti: “Há anos que Galileu não escreve um livro.”

Virgínia: “Pensa que reconheceu que se enganara. Em Roma, um senhor muito culto disse-me que um astrónomo puro lhe ensinara astronomia. As lonjuras são muitíssimo amplas.”

Galileu: “O que quer que eu lhe ensine?”

A senhora Sarti: “O senhor está em consonância com o decretado pela Santa Inquisição.” (Sie befinden sich in “Übereinstimmung mit dem Deket der Heiligen Kongregation von 1616”).

Cena número onze

A Santa Inquisição manda para Roma o mundialmente conhecido investigador.

Escreve Brecht: “Die Tiefe ist heiss, die Höh’n sind kühl. Die Gasse ist laut, der Hof ist still.” (A profundidade é quente, as alturas são frescas. A viela é barulhenta, o palácio, silencioso).

Galileu e a filha esperam ser recebidos pelo grande senhor. Diz Galileu: “Estamos em Florença e não entre ladrões corsos.”

Chega entretanto o reitor Saffone, mas pára sem os cumprimentar. Vem depois Vanni, que diz: “O senhor é acusado de ter dito recentemente coisas sobre a Bíblia.” Uma acusação a que Galileu responde: “Nada sei sobre panfletos. A Bíblia e Homero são as minhas leituras preferidas.”

Vanni: “Não sou um homem que conheça. Que saiba muitas coisas sobre os movimentos das estrelas, mas para mim o senhor é um homem que luta pela verdade, e que escreve para ensinar coisas novas.” E acrescento: “Aqui não temos a liberdade. As pessoas não gostam de fundições. Falo com elas como o senhor Galileu. É opinião minha que o senhor estaria melhor em Veneza. Poderia continuar melhor a sua luta.”

Galileu: “Não quero ser um fugitivo. Cultivo muito o meu bem-estar.” (Ich schütze meine Bequemlichkeit). “Além disso, o Grão-Duque é meu aluno.”

Cena número doze

Aposentos do Vaticano

O Papa Urbano VIII (anteriormente, o Cardeal Barberini) recebe-o em audiência.

Diz o Inquisidor: “Vossa Eminência quer reunir os doutores de todas as Faculdades. Representantes de todas as Santas Ordens e de todo o Clero. Eu insisto em dizer que as cidades do Norte querem à força que o senhor Galileu lhes empreste as suas cartas geográficas.”

Papa: “Mas estas cartas acalmam as suas afirmações heréticas” – “Diese karten beruhen auf seinen ketzenchen Behauptungen.” “Trata-se diretamente dos movimentos de certas estrelas que não podem ser encontradas. De resto, o maior físico destes tempos é a luz da Itália, e não um qualquer estúpido.”

Inquisidor: “Temos de ser práticos, e não nos afastarmos dele.”

Papa: “Ele possui mais saber do que qualquer outro homem que eu já tenha encontrado.”

Cena número treze

Galileu retrata-se perante a Inquisição. No dia 22 de Junho de 1633. Dos seus ensinamentos sobre o movimento da Terra.

“Foi um dia de Junho, que passe depressa. Que foi importante para ti e para mim. Da escuridão emergiu a razão. Durante todo um dia ela ficou diante da porta.”

No Palácio do florentino, o investigador é mandado para Pavia.

Os alunos do florentino esperam por notícias. Um monge pequeno e Federzoni jogam xadrez. A um canto, ajoelhada, está Virgínia. Diz um monge de pequena estatura: “O Papa não recebeu nenhum sábio.”

Federzoni: “Era a sua última esperança. Era verdade aquilo que lhe diziam há anos em Roma, quando ele era ainda o Cardeal Barberini. Precisamos dele. Agora eles já o têm.”

Andreia: “Os *Discorsi* ainda não estão publicados. Nem sequer ainda terminados. Mas eles vão matá-los e nunca mais verão a luz do dia. Em Florença, ele não poderá publicá-los.”

Um monge pequeno: “Já está preso há 23 dias o herege. Ontem foi a grande audiência. E hoje é a audiência.”

Andreia (em voz alta): “A Lua é uma Terra e não tem luz própria. Também Vénus não tem essa mesma luz. Tal como a Terra, que corre à volta do Sol. E o Sol é o centro do mundo e está imóvel.”

///

Galileu retrata-se e um monge vem anunciar em voz alta a voz do cientista: “Eu, Galileu Galilei, professor de Matemática e de Física, em Florença, onde nasci, abjuro tudo

aquilo que ensinei. Que o Sol é o centro do mundo e está imóvel. Juro, de todo o meu coração, que tudo o que escrevi é heresia.”

Cena número catorze

De 1630 até 1642, Galilei é prisioneiro da Igreja. Até à sua morte.

Um aposento enorme, com uma mesa, um globo e uma cadeira de cabedal.

Galileu, velho e cego, faz com muito cuidado algumas experiências com uma pequena bola de madeira na antecâmara onde está um monge de baixa estatura como sentinela.

Batem à porta e o monge abre. Entra um camponês. Virgínia fala com um frade: “Vamos mandar vir o médico dos olhos.”

Frade: “Primeiro, preciso da licença de Monsenhor Cerpula. Ele esteve outra vez a escrever?”

Virgínia: “Cumpra as regras e o seu arrependimento. É sincero. Eu estou sempre atenta ao que ele diz. Diga lá, meu vizinho, para grelharem os fígados. Com maçãs e cebola.”

Galileu: “Não me sinto lá muito bem. Podes ler-me alguma coisa de Horácio?”

Virgínia: “Pai, na semana passada disse-me o senhor Cerpula para lhe agradecer. Mandou-me outra vez hortaliças.”

Senta-se e prepara-se para o ditado: “Onde íamos?” – pergunta Galileu.

Virgínia: “No parágrafo quatro. No que toca à atitude da Santa Igreja perante os tumultos no arsenal de Veneza, em total acordo, também, com os cordoeiros revoltados, sendo melhor dar-lhes sopas em nome da caridade cristã.”

Galileu: “Melhor do que pagar-lhes muito mais pelas cordas do navio e dos sinos. Parece mais avisado fortalecer-lhes a fé, em lugar de lhes fortalecer a gula. Paulo, o apóstolo, diz: “A caridade nunca falha.”

Virgínia: “Admirável, meu pai.”

Galileu: Não pensas que nisso poderá meter-se uma certa ironia?”

Virgínia: “Não, meu pai. O Arcebispo vai ficar feliz. Ele é muito prático.”

Galileu: “Bem, confio no que dizes. O que vem aí agora?”

Virgínia: “Uma sentença muito bela: Quando sou fraca, sou então forte.”

Galileu: “Muito bem.”

Virgínia: “E porque não?”

Galileu: “O que queres agora?”

Virgínia: “Para que possais entender que o amor de Cristo é melhor do que toda a sabedoria do mundo. Como escreve Paulo.”

Galileu: “Agradeço muito especialmente essa magnífica citação. Está nas *Epístolas aos Efésios – III, 19*. Estimulado por elas, pensei ainda o seguinte na nossa inimitável

imitação. E cito de cor: «Aqueles para quem o Verbo Eterno fala está liberto de muitas perguntas.» Deixa-me falar-te em causa própria. Continuam a dizer-me que escrevi sobre os Corpos Celestes um livro com a linguagem da praça pública. Não tinha a intenção de propor que livros fossem escritos sobre temas muito mais importantes, ou mesmo de aprovar que se escrevessem livros sobre questões muito mais significativas. Como, por exemplo, a Teologia, no culto dos padeiros. O argumento de missa em latim que, graças à universalidade desta língua, todos os povos ouvem, parece-me pouco feliz, uma vez que os zombadores poderiam objetar que assim nenhum povo entenderia o texto. Renuncio com prazer à compreensão barata das coisas que são sagradas. O latim que se ouve nos púlpitos é aquele que protege a verdade eterna da Santa Igreja Católica contra a curiosidade dos ignorantes, que lhes desperta confiança, quando falada pelos filhos sacerdotais das classes desfavorecidas, e com o sotaque do seu dialeto local. Não! Risca o que eu disse agora.”

Batem ao portão e Virgínia vai à antecâmara. O frade abre. É Andreia Sarti. Agora já um homem no meio da idade.

Andreia: “Boa noite. Estou prestes a deixar a Itália. Vou trabalhar na Holanda, e pediram-me que o visitasse quando passasse por aqui, para poder dar-lhes notícias.”

Virgínia: “Não sei se ele vai querer ver-te. Nunca mais cá vieste.”~

Andreia: “Pergunta-lhe.”

Galileu reconheceu a voz. Continua sentado, imóvel. Virgínia entra e vai para junto dele.

Galileu: “É Andreia?”

Virgínia: “É, meu pai. Queres que o mande embora?”

Galileu: “Que entre.”

Virgínia conduz Andreia à sala.

Virgínia fala com o frade: “É inofensivo. Foi aluno dele. Agora é seu inimigo.”

Galileu: “Deixa-me ficar só com ele, Virgínia.”

Virgínia: “Quero ouvir o que ele conta.” Senta-se Andreia, frio: “Como estais?”

Galileu: “Aproxima-te mais um pouco. Que fazes tu? Conta-me coisas do teu trabalho.”

Andreia: “Fabrizio, de Amesterdão, pediu-me para me informar do vosso estado.”

Uma pausa.

Galileu: “Sinto-me bem. Prestam-me muitas atenções.”

Andreia: “Alegra-me poder informar que estais bem.”

Galileu: “Fabrizio vai alegrar-se ao ouvir isso. E poderás também informá-lo que vivo com comodidade. Pelo meu grande arrependimento pude granjear as graças dos meus superiores, a ponto de me permitirem, embora parcamente, estudos científicos, mas sob vigilância espiritual.”

Andreia: “Muito bem. Nós também ouvimos dizer que a Santa Igreja está contente convosco. A vossa total submissão deu resultado. Afirma-se que os superiores verificaram com satisfação que aqui na Itália não se publicou qualquer obra com novas afirmações desde que vós vos submetestes.”

Galileu, escutando: “Infelizmente países há que se furtam à custódia da Santa Igreja. E receio que as teorias condenadas continuem a ser fomentadas por lá.”

Andreia: “Também lá, por causa da vossa retratação, se verificou um retrocesso muito agradável para com a Igreja.”

Galileu: “ Ah, sim?” Segue-se uma pausa: “Não há nada de Descartes, ou de Paris?”

Andreia: “Sim, há. Quando soube da vossa retratação, meteu na gaveta o seu *Tratado sobre a Natureza da Luz*.”

Após uma pausa longa.

Galileu: “Estou preocupado por alguns amigos da Ciência que eu levei ao caminho do erro. Não teriam eles aprendido com a minha retratação?”

Andreia: “Para poder trabalhar na Ciência tenciono ir para a Holanda. Não é permitido ao boi o que Júpiter não se permite a si próprio.”

Galileu: “Compreendo.”

Andreia: “Federzoni está novamente a polir lentes numa loja de Milão.”

Galileu: “Não sabe latim?”

Pausa.

Galileu: “Os meus superiores estão à espera do restabelecimento da minha alma. Estou a fazer muitos progressos, melhores do que poderia esperar.”

Andreia: “Ah!”

Virgínia: “Louvado seja Deus!”

Galileu, bruscamente: “Vai ver dos gansos, Virgínia.”

Colérica, Virgínia sai. Ao passar, o frade dirige-lhe a palavra.

Frade: “Aquele indivíduo não me agrada.”

Virgínia: “Ele é inofensivo. O irmão bem ouviu.” Quando sai, diz: “Mandaram-nos queijo, hoje. É de cabra, é fresco.”

Sai o frade atrás dela.

Andreia: “Vou viajar toda a noite, para passar a fronteira amanhã de manhã. Posso ir?”

Galileu: “Não sei porque vieste, Sarti. Para me atiçares? Agora eu vivo prudentemente e penso, também com paciência, desde que cheguei aqui. De resto, tenho algumas recaídas.”

Andreia: “ Preferia não vos excitar, senhor Galileu.”

Galileu: “Barberini chamava-lhe sarna. Ele não estava de todo limpo dele. Voltei a escrever.”

Andreia: “Sim?”

Galileu: “Acabei de escrever os *Discorsi*.”

Andreia: “O quê? Os *Discorsi* sobre dois novos ramos da Ciência? A Mecânica e as leis da Gravidade? Aqui?”

Galileu: “Dão-me papel e pena. Os meus superiores não são estúpidos. Eles bem sabem que os vícios se não podem quebrar de hoje para amanhã Protegem-me das perigosas consequências, levanto-me e fecho folha a folha.”

Andreia: “Meu Deus!”

Galileu: “Que disseste?”

Andreia: “Deixam-vos lavar água! Dão-vos papel e pena para vos terem tranqüilo. Como se o senhor pudesse escrever com tal alvo em frente dos olhos?”

Galileu: “Eu sou escravo dos meus hábitos.”

Andreia: “Os *Discorsi* na mão dos frades! Estando Amesterdão, Londres e Praga sem eles.”

Galileu: “Estou mesmo agora a ouvir os lamentos de Fabrizio a insistir pelo seu arrátel de carne, muito seguro lá em Amesterdão.”

Andreia: “Dois novos ramos da Ciência perdidos praticamente.”

Galileu: Mas ele e alguns outros certamente se animarão ao ouvirem que arrisquei os últimos restos mesquinhos do meu bem-estar para fazer uma cópia nas minhas próprias costas, esgotando assim a última onça de luz.”

Andreia: “Nós dizíamos como o homem da rua: Ele morre, mas nunca dirá o contrário.”

Galileu: “Desdisse-me, mas viverei.”

As nossas mãos estão manchadas, dizíamos nós.

Galileu: “ Melhor manchadas que vazias. Têm um tom realístico. Soa a coisa minha. Uma nova Ciência, uma nova Ética.”

Andreia: “Eu já devia saber isso, antes de todos os outros. Tinha apenas onze anos quando vós vendestes ao Senado de Veneza o óculo que foi inventado por outro. E vi-vos fazer um uso imortal desse instrumento. Os vossos amigos abanavam a cabeça quando vós vos inclináveis diante do menino de Florença: A Ciência ganhou público. Vós ristes sempre dos heróis.” “Fazem aborrecer-me as pessoas que sofrem.” “Dizeis vós: «A infelicidade é o fruto de cálculos errados. Em face de alguns obstáculos, a distância mais curta entre dois pontos poderá ser a linha curva».”

Galileu: “Lembro-me disso.”

Andreia: “Quando em 33 vos desdissestes de um ponto popular das vossas teorias, eu deveria saber que estáveis a afastar-vos da tarefa verdadeira da Ciência.”

Galileu: “Que consiste em...”

Andreia: “No estudo das propriedades do movimento, que é a mãe das máquinas. Elas, que só por si mesmas hão de fazer a Terra de tal modo habitável que o céu poderá ser derrubado.”

Galileu: “Ah! Ah!”

Andreia: “Arranjastes tempo para escrever uma obra científica que só vós podéis escrever. Se vivésseis acabado na glória das labaredas de uma fogueira, os outros é que seriam os vencedores.”

Galileu: “Eles são os vencedores. Nenhuma obra científica poderá ser escrita por um só homem.”

Andreia: “Porque vos retratastes então?”

Galileu: “Porque tinha medo à dor física.”

Andreia: “Não.”

Galileu: “Eles mostraram-me os instrumentos.”

Andreia: “Não foi então planeado?”

Galileu: “Não.”

Uma pausa.

Andreia, falando alto: “A Ciência conhece apenas um mandamento: o contributo científico.”

Galileu: “E esse, eu dei-o. Bem-vindo sejas à sarjeta, meu irmão da Ciência, primo na traição! Comeste peixe? O que cheira mal não é o meu peixe. Sou eu. Eu vendo, tu compras. Ó irresistível atração do livro, da sagrada mercadoria! A água cresce na boca e as pragas afogam-se. A Grande Babilónia, a besta assassina, abre as coxas e tudo se transforma. Bendita seja a vossa comunidade traficante, que purifica o que teme a morte.”

Andreia: “O temor da morte é humano. As fraquezas humanas são coisa que não importa à Ciência.”

Galileu: “Pois não, meu caro Sarti. Mesmo no meu presente estado me sinto capaz de dar umas boas indicações sobre tudo aquilo que interessa

Pausa curta.

Galileu, mãos cruzadas sobre a barriga: “No meu tempo em que estou livre, que é mesmo muito, revi o meu caso e refleti sobre o modo como a Ciência, a que eu já não pertença, terá de julgar. Até um negociante de lãs, para além de comprar barato e vender depois caro, muito caro, tem igualmente de pensar que o mercado deverá desenvolver-se livremente.

A boa prática científica exige, deste modo, uma coragem muito especial. Negocia, com sabedoria, conquistando pela via da dúvida. Adquirindo o saber acima de tudo para toda a gente, tratando de que todos se façam cétricos. Assim, a grande parte da população é mantida pelos seus príncipes, por proprietários e por padres.

Numa neblina de superstição e de palavras antigas que encobrem as maquinações destas gentes. A miséria dos muitos é tão velha como a montanha, e é declarada dos púlpitos e das cátedras, sendo indubitável, tal como a montanha.”

“A nossa arte, nova de dúvidas, encantou todo o público. Tirou-nos das mãos o telescópio e dirigiu-o contra os seus carrascos. Estes seres egoístas e violentos, que se aproveitam dos frutos da Ciência, sentiram de imediato o olhar frio dela, dirigida contra uma miséria de milénios, mas artificial, e que poderia bem ser eliminada se eles fossem eliminados. Encher-nos-iam de ameaças e de subornos, irresistíveis para almas fracas. Poderemos nós agora negar-nos à multidão e continuarmos a ser gente da Ciência? Os variados movimentos dos corpos celestes tornaram-se mais compreensíveis: os movimentos dos seus dominadores continuam, ainda hoje, a ser incalculáveis para os povos. A luta pela mensurabilidade do seu foi, sem sombra de dúvida, ganha pela dúvida. Pela credence se perde de novo a luta da dona de casa romana pelo leite. Sarti, a Ciência tem que ver com ambas as lutas. Uma humanidade, aos tropeções nesta névoa nacarada de superstições e de palavras já muito velhas, demasiado ignorante para desenvolver totalmente as suas forças próprias, não poderá desenvolver as forças da Natureza que vós descobris. Para que fim trabalhais vós? Considero eu que o único alvo da Ciência consiste em aliviar o cansaço da existência humana. Se os homens da Ciência, que são intimidados pelos poderosos, tomarem posse de acumulação do saber por amor do saber, poderá a Ciência transformar-se num aleijão, e as vossas máquinas novas poderão significar apenas tormentos novos. Podereis, com o tempo, descobrir tudo aquilo que há ainda por descobrir, e o vosso progresso será apenas um progredir para vos afastar da humanidade. Entre vós e ela poderá cavar-se um abismo, e que vos impeça de qualquer nova conquista. E poderá, por qualquer nova conquista obter um grito universal de horror. Como homem de ciência e de letras, tive apenas uma dessas conquistas. No meu tempo, eu que sou apenas um simples linguista, interessei-me pela astronomia, e esta chegou às praças do mercado.

Nestas circunstâncias muito especiais e concretas, a firmeza de um amigo poderia ter provocado abalos grandes. Se eu tivesse resistido, teriam os homens das ciências da Natureza podido formular o voto de juramento hipocrático dos médicos – o voto de utilizar o seu saber para o bem da humanidade.

Assim, como agora está, o máximo que poderá esperar-se é uma geração de anões inventivos que possam alugar-se para todo o serviço. Para além disso, considero-me, meu amigo Sarti, um homem que nunca esteve em perigo iminente. Durante alguns anos fui tão forte como as autoridades. E transmiti o meu saber aos poderosos, de modo a que o usassem precisamente como conviesse aos seus fins.”

Entra Virgínia com uma travessa. E pára.

Galileu: “Atraíçoei a minha profissão. Um homem que faz aquilo que eu fiz, não poderá ser tolerado nas fileiras dos homens de Ciência. Também das dos crentes.”

Virgínia continua a andar e a pôr a travessa em cima da mesa.

Galileu: “Exatamente. Agora vou comer.”

Andreia estende-lhe a mão. Galileu olha para ela sem a apertar e diz: “Tu agora também ensinas. Podes permitir-te apertar uma mão como a minha?” Vai para a mesa, senta-se e diz: “Alguém que passou por aqui mandou-me gansos. Ainda gosto de comer.”

Andreia: “Então já não sois da opinião de que uma nova era nasceu já?”

Galileu: “Sou, sou. Tem cuidado quando atravessares a Alemanha. A verdade debaixo do saco.”

Andreia. Incapaz de se ir embora: “A respeito da vossa opinião sobre os autores de quem falámos, não sou capaz de dar-me uma resposta. Mas não posso imaginar que a vossa análise mortífera seja a última palavra.”

Galileu: “Muito obrigado, senhor.” Começa a comer.

Virgínia, acompanhando Andreia: “Não gostamos de visitas de outros tempos. Excitam-no.”

Sai Andreia. Virgínia regressa e pergunta: “Vais sair?”

Galileu: “Talvez não. Como é que está a noite?”

Virgínia (à janela): “Clara.”

Na cena final, a número quinze, vê-se de que forma Sarti consegue salvar para outros países o manuscrito *Discorsi*. Começa com o poema seguinte:

“Pensai no fim, vós gentes de bem.
O saber fugiu para lá da fronteira,
E nós, ávidos de saber,
Ele e eu ficámos deste lado, o olhar.
Da luz da Ciência cuidai vós agora.
Não abuseis dela, usai-a apenas,
Que ela não vá, feita bola de fogo,
Consumir-nos a nós e ao mundo todo,
Sim, ao mundo todo.”

Termino aqui esta minha longa maratona sobre o teatro “épico”. Bertolt Brecht foi o seu maior teorizador.

Depois de tudo o que escrevi sobre esse teatro, voltarei à *Millenium* em 2014 e nos seguintes, com o desenvolvimento de algumas ideias sobre linguística, a minha área preferida.

Agradeço a vossa atenção para o teatro épico, ficando à espera que continueis a ler as minhas colaborações na *Millenium*, a revista que criei em 1996 no ISPV.

Uma nota, mesmo a última, sobre a peça *Galileu Galilei*:

O teatro épico, de Bertolt Brecht ou de Schillel ou Shakespeare, e de tantos outros dramaturgos, convida à reflexão. Coloca perguntas aos espectadores e é livre de lhes responder o que quer que seja.

O teatro narrativo fixa-se numa personagem do palco, ou nelas todas, com a idade de 24 ou 25 anos. Qualquer espectador do tempo, ou nós, agora, poderemos elaborar a seguinte pergunta: “Se o teatro de matriz aristotélico se fixa no tempo, como conseguiu atingir a idade de 24 ou de 25 anos o actor que se encontra no palco? Alguém que saiba, que responda. Eu não consigo.

O teatro é perguntativo. O teatro narrativo de matriz aristotélica é, como costume dizer nas conversas com os amigos de sempre, no café da minha aldeia natal, onde agora resido, é o “aqui e agora”. “Como se a vida parasse algum tempo, à espera de retomar o curso da sua idade.”

Regressando ao teatro épico, ele é evolutivo. Como por exemplo: “Se Galileu foi apeado das suas duas cátedras – a de Padova (hoje, Pádua) e a de Florença, como poderia ter estado nas duas cidades ao mesmo tempo, sem tempo para se movimentar. Claro que seria impossível. E se o teatro narrativo é estático, o épico é classificado por mim como “amanhã, logo se verá!”

A mente humana evolui desde que é dada à vida, no primeiro instante em que esta foi gerada. Os genes do pai e da mãe desenvolvem-se lentamente, mais rapidamente depois de respirar fora da barriga materna. Uma evolução que só parará após o primeiro momento de deixar de respirar. Para a eternidade.

No canal Odisseia, da televisão, poderão ver-se episódios da vida animal e vegetal. Nos oceanos, mares e na terra firme. Desde os tempos imemoriais.

Os animais e os vegetais só deixam de evoluir depois do último sopro de vida. Chama-se a isto inteligência, e não instinto.

Para os leitores de *Millenium*, deixo aqui a argumentação de Bertolt Brecht na abordagem que faz ao teatro de forma dramática e ao teatro de forma épica.

O primeiro é “ativo”, “faz envolver o espectador numa ação cénica, consome-lhe a atividade, proporciona-lhe sentimentos, vivências, o espectador é imiscuído em qualquer coisa. É também um teatro sugestivo e as sensações são conservadas como tal.

Para além disso, o espectador está no centro, comparticipa dos acontecimentos. Parte-se do princípio de que o homem é algo já conhecido. Existe uma tensão, em virtude do desenlace.

Uma cena está em função de outra, havendo uma progressão. O acontecer é retilíneo, obrigando a uma evolução. O pensamento determina o ser. É o sentimento.

Opostamente, o teatro épico é narrativo, torna o espectador testemunha, mas desperta-lhe a atividade, exige-lhe decisões, mundividências, colocando os espectadores perante qualquer coisa.

É, além disso, argumentativo, as sensações são elevadas ao nível do conhecimento. O espectador está de frente, analisa, o homem é um ser suscetível de ser modificado ou de se modificar. Existe uma tensão, em virtude do decurso da ação, cada cena em si, e por si. A construção da temática é articulada, curvilínea, dá saltos. O homem é entendido como uma realidade, um processo. O ser social determina o pensamento. A razão.

Conclusões

Regressando ao teatro épico, direi que ele é evolutivo. Como, por exemplo, - “Se Galileu foi apeado das suas cátedras – a de Padova (hoje, Pádua) e a de Florença – como poderia ter estado nas duas cidades ao mesmo tempo, sem tempo para se movimentar? Claro que seria impossível. E se o teatro de matriz aristotélica é estático, o épico é por mim caracterizado como “amanhã logo se verá”.

A mente humana evolui desde que é dada à vida, no primeiro instante em que esta foi gerada. Os genes do pai e da mãe desenvolvem-se lentamente, mais rapidamente depois de respirar fora do ventre materno. Uma evolução que só parará após o primeiro momento de deixar de respirar. Para a eternidade.

No canal “Odisseia” das televisões poderão ver-se os episódios da vida animal e vegetal. Nos oceanos, mares e na terra firme. Desde tempos imemoriais.

Os animais e as plantas deixam de evoluir depois do último sopro de vida. Chama-se a isto inteligência, não instinto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Artaud, Antonin (s.d.). *O Teatro e o seu Duplo*. Lisboa: Minotauro. Coleção Ensaio.
- Brecht, Bertolt (1966). *Leben des Galilei*. Berlim: Edição Suhrkamp, SU.
- Brecht, Bertolt (1964). *Estudos sobre Teatro – para uma arte dramática não-aristotélica*. Lisboa: Portugalíia.
- *The New Caxton Encyclopedia* (1977). Vol. 2, 32-33. London: Caxton Publishing.
- *Vértice* (1965). N.º 256, Vol. XXV. (Janeiro de 1965). Coimbra.

Recebido: 11 de dezembro de 2013.

Aceite: 22 de dezembro de 2014.